

PRIMEIRO CAPÍTULO

Do cómico em geral O cómico das formas e o cómico dos movimentos Força de expansão do cómico

Que significa o riso? Que há no fundo do risível? Que descobriremos de comum entre um esgar de palhaço, um jogo de palavras, um quiproquó de *vaudeville*, uma requintada cena de comédia? Que destilação nos dará a essência, sempre a mesma, a que tantos e tão diversos produtos vão buscar, ora o seu odor indiscreto, ora o seu delicado perfume? Os maiores pensadores, desde Aristóteles, têm enfrentado este pequeno problema, que se escapa sempre aos seus esforços, desliza, foge, ressurgue, desafio impertinente lançado à especulação filosófica.

O que nos desculpa, ao abordarmos por nossa vez o problema, é o facto de não visarmos encerrar numa definição a fantasia cómica. Vemos nela, antes do mais, algo de vivo. Tratá-la-emos, por muito leve que ela seja, com o respeito que devemos à vida. Limitar-nos-emos a vê-la crescer e desabrochar. De forma em forma, por gradações sensíveis, consumará diante dos nossos olhos metamorfoses bastante singulares. Nada desdenharemos do que virmos. De resto, talvez ganhe-mos com este contacto atento algo mais do que uma definição teórica — um conhecimento prático e íntimo, como o que

nasce de uma prolongada camaradagem. E talvez descubramos também que, sem querer, travámos um conhecimento útil. Racional a seu modo, até nas suas irregularidades maiores, metódico na sua loucura, sonhando, de acordo, mas evocando em sonhos visões que imediatamente a seguir uma sociedade inteira aceita e compreende, como não nos haveria a fantasia cómica de informar acerca dos métodos de trabalho da imaginação humana, e mais particularmente da imaginação social, coletiva, popular? Brotando da vida real, aparentada com a arte, como não teria ela a sua palavra a dizer-nos sobre a arte e a vida?

Vamos começar por apresentar três observações que consideramos fundamentais. Incidem menos sobre o cómico enquanto tal do que sobre o lugar onde devemos procurá-lo.

I

Eis o primeiro ponto para o qual chamaremos a atenção. Não há cómico fora daquilo que é propriamente *humano*. Uma paisagem poderá ser bela, cheia de graça, sublime, insignificante ou feia; nunca será ridícula. Poderemos rir-nos de um animal, mas porque surpreendemos nele uma atitude de homem ou uma expressão humana. Poderemos rir-nos de um chapéu; mas aquilo de que nesse caso nos rimos não é o pedaço de feltro ou de palha, é a forma que lhe deram os homens, o capricho humano que lhe serviu de molde. Como será possível que um facto tão importante, na sua simplicidade, não tenha retido, mais do que até agora o tem feito, a atenção dos filósofos? O homem foi várias vezes definido como «um animal que sabe rir». Poderia ser igualmente definido como um animal que faz rir, porque quando algum outro animal, ou objeto inanimado, consegue o mesmo efeito, é por meio de uma semelhança com o homem, pela marca que o homem nele imprime ou pelo uso que dele o homem faz.

Assinalemos agora, como sintoma não menos digno de nota, a *insensibilidade* que habitualmente acompanha o riso. Dir-se-ia que o cómico não pode produzir o seu frémito a não ser sob a condição de deparar com uma superfície da alma decididamente serena, decididamente uniforme. A indiferença é o seu meio natural. O riso não tem inimigo maior do que a emoção. Não quero dizer que não possamos rir de uma pessoa que nos inspira piedade, por exemplo, ou até mesmo afeição: somente, nesse caso, por alguns instantes, teremos de nos esquecer da nossa afeição, impor silêncio à nossa piedade. Numa sociedade de inteligências puras provavelmente deixaríamos de chorar, mas talvez continuássemos a rir; ao passo que um mundo de almas invariavelmente sensíveis, afinadas em unísono pela vida, onde todo e qualquer acontecimento se prolongasse numa ressonância sentimental, não conheceria nem compreenderia o riso. Experimentemos, por um momento, interessarmo-nos por tudo o que se diz e por tudo o que se faz, atuemos, em imaginação, com aqueles que atuam, sintamos com aqueles que sentem, concedamos enfim à nossa simpatia a sua mais rasgada plenitude: como que por um toque de varinha mágica veremos os objetos mais leves ganharem peso, e uma coloração severa cobrir todas as coisas. A seguir, desprendamo-nos, assistamos à vida como espectadores indiferentes: muitos serão os dramas que se transformarão em comédias. Basta que tapemos os ouvidos ao som da música, numa sala de baile, para que os pares que dançam se nos afigurem ridículos. Quantas ações humanas resistiriam a semelhante prova? E não veríamos muitas de entre elas passarem da gravidade à brincadeira, se as isolássemos da música de sentimento que as acompanha? O cómico exige portanto e finalmente, para produzir todo o seu efeito, qualquer coisa como uma anestesia momentânea do coração. Dirige-se à inteligência pura.

Só que se trata de uma inteligência que deve permanecer em contacto com outras inteligências. Tal é o terceiro facto para o qual desejamos chamar a atenção. Não saborearíamos o cómico

se nos sentíssemos isolados. Dir-se-ia que o riso exige um eco. Que me entendam bem: não se trata de um som articulado, preciso, completo; trata-se de algo que gostaria de prolongar-se repercutindo-se cada vez mais perto, algo que começa por uma explosão para continuar em trovões, como uma tempestade de montanha. E contudo a repercussão não deve alargar-se até ao infinito. Pode caminhar no interior de um círculo tão amplo quanto se queira; mas nem por isso o círculo deixará de ser fechado. O nosso riso é sempre o riso de um grupo. Talvez já nos tenha acontecido, num comboio ou numa mesa de hotel, ouvirmos viajantes contando uns aos outros histórias que deveriam ser cómicas uma vez que os faziam rir com gosto. Teríamos rido com eles se fôssemos dos seus. Mas como não o éramos, não sentíamos a menor vontade de rir. Um homem, a quem perguntavam porque não chorava ao ouvir um sermão que fazia toda a demais gente verter lágrimas, respondeu: «Não sou da paróquia.» O que este homem pensava das lágrimas seria ainda bem mais verdadeiro para o riso. Por maior franqueza que lhe suponhamos, o riso subentende um acordo prévio implícito, uma cumplicidade quase, diria eu, com outros que, reais ou imaginários, também riem. Quantas vezes se não notou já que o riso do espectador, no teatro, é tanto maior quanto mais cheia está a sala; quantas vezes se não sublinhou, por outro lado, que há muitos efeitos cómicos intraduzíveis de uma língua para outra, efeitos por conseguinte relativos aos costumes e às ideias de uma sociedade particular? Mas é por não se compreender plenamente a importância deste duplo facto que se tem visto no cómico uma simples curiosidade que diverte o espírito, e no próprio riso um fenómeno estranho, isolado, sem relação com o resto da atividade humana. Daqui essas definições que tendem a fazer do cómico uma relação abstrata percebida pelo espírito entre ideias, «contraste intelectual», «absurdo sensível», etc., definições que, ainda que conviessem a todas as formas do cómico, não explicariam minimamente porque é que o cómico nos faz rir. O que fará, de facto, com que essa relação

lógica particular, assim que a apercebemos, nos contraia, nos dilate, nos sacuda, enquanto todas as outras nos deixam o corpo indiferente? Não será sob este ângulo que abordaremos o problema. Para compreendermos o riso, temos de o repor no seu meio natural, que é a sociedade; temos sobretudo de determinar a sua utilidade de função, a sua função social. Eis, digamo-lo desde já, a ideia diretriz de todas as nossas indagações. O riso deve dar resposta a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social.

Vinquemos bem o ponto sobre o qual convergem as nossas três observações preliminares. O cómico nascerá, ao que parece, quando homens reunidos em grupo dirigem todos eles a sua atenção sobre um deles, reduzindo ao silêncio a sua sensibilidade e exercendo apenas a sua inteligência. Qual é então o ponto particular sobre o qual terá de se dirigir a sua atenção? A que se aplicará a sua inteligência? Responder a estas perguntas seria já cingir de mais perto o problema. Mas, primeiro, são indispensáveis alguns exemplos.

II

Um homem, que ia a correr na rua, tropeça e cai: os transeuntes riem-se. Não se ririam, penso eu, se pudessem supor que o homem tivera a fantasia de se sentar no chão. Riem-se em virtude do facto de ele se ter sentado involuntariamente. Portanto não é a sua brusca mudança de atitude que faz rir, mas o que há de involuntário nessa mudança, o seu modo desajeitado. Talvez houvesse uma pedra no caminho. O homem deveria ter mudado de passo ou contornar o obstáculo. Mas por falta de agilidade, por distração ou obstinação do corpo, *por um efeito de rigidez ou de velocidade adquirida*, os músculos continuaram a realizar o mesmo movimento quando as circunstâncias pediam coisa diferente. Foi por isso que o homem caiu, e é disso que os transeuntes riem.